



Luciano Coelho

O
LOBISOMEM
DO BOQUEIRÃO

1ª Edição - Curitiba - 2022

Instituto Memória Editora





Editor: Anthony Leahy Gráfica: Juliano Carvajal
Produção: Barbara Marafigo Jurídico: Jocelino Freitas
Qualidade: Rivaldo Dantas Logística: Volney Pacheco
Revisão final realizada pelo próprio autor

A presente obra foi aprovada pelo nosso Conselho Científico-Editorial respeitando as diretrizes da Qualis/CAPES, quais sejam, originalidade, relevância, pertinência, embasamento teórico, densidade científica, metodologia e desenvolvimento, inclusive o sistema “double blind review”, garantindo a isenção e imparcialidade do corpo de parecerista e a plena autonomia do Conselho Editorial, atestando a excelência da obra que apresentamos à sociedade.

CONSELHO EDITORIAL

Edson Fachin - Reynaldo Soares da Fonseca - Francisco Rezek - Ingo Sarlet - Sidney Guerra - Flávia Piovesan - Valerio Mazzuoli - André de Carvalho Ramos - Wagner Menezes - Felipe Chiarello - Eduardo Arruda Alvim - Nelson Nery Júnior - Ricardo Seitenfus - René Dotti - Luiz Eduardo Gunther - Eduardo Biacchi Gomes - Luis Alexandre Carta Winter - Octavio Fischer - Betina Grupenmacher - Augusto Bonner Cochran III (USA) - Andrea Pitasi (Itália) - Fernando Araujo (Portugal) - Sara Petroccia (Itália)...
(no site, relação completa com qualificação)

ISBN: 978-85-5523-XXX-X

COELHO, L.

O lobisomem do Boqueirão. Luciano
Coelho. Curitiba: Instituto Memória, 2022.
102 p.

1. 2. 3. I. Título.

CDD: B869.1



PRÓLOGO

absolutamente necessário

Esse livro foi escrito nas labaredas do
ano da pandemia covid – 19

Não fosse escrever, talvez a história fosse
outra.

Não fosse a pandemia, talvez a estória
fosse outra.

Não sei.

Simple assim.

Para a Lourdes Maria,
tia Deca, saudade eterna.



SUMÁRIO

09

Contos

63

Poesias

93

Epílogo:

Contos Microscópicos





CONTOS



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Dessas coisas que o povo fala, eu não desacredito nenhuma.

Diziam, e se diziam é porque alguma verdade havia no fato, que, indo sentido bairro, depois que passa o muro do quartel do Boqueirão, virando mais ou menos à esquerda e depois à direita, entrasse na área do LobisOMEM. Sim, ali vivia um LobisOMEM.

Não é dessa espécie comum de LobisOMEM clássico, desses de Lua cheia. Verdade seja dita, quando a lua está cheia e a noite agradável, eis que se trata de uma criatura mui sensível a alterações climáticas muito bruscas, mas, nessas noites agradáveis, ele saía de sua toca; a criatura, e daí decorre o fato de muitos duvidarem de sua existência, é raramente vista à Luz do Dia. Sua pele não suportava o sol, o que é uma característica que

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

muitos atribuem apenas aos vampiros, esquecendo-se da fragilidade da pele dos lobos.

Eu, à época, era um jovem muito curioso e inquieto.

Ouvindo as estórias, e ainda pouco crente de que tal criatura pudesse existir, resolvi fazer uma pequena pesquisa sobre as características da espécie e fiquei pasmado quando nada encontrei. A pesquisa, diga-se, era em livros, pois a internet era incipiente. Mesmo na outrora lenta e discada internet, eu nada encontrei nos falhos buscadores antepassados do onipresente *google*.

O que relato aqui, portanto, é baseado em uns poucos manuscritos antigos, provavelmente feitos por monges ou alquimistas que se dedicaram ao estudo da espécie na idade média. Tais documentos eu acessei em salas secretas, existentes em alguns sebos da cidade, principalmente a feira do livro usado, todavia, não mais existem nem os manuscritos, nem tais sebos com passagens secretas. Foi pena, se eu

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

tivesse um celular poderia ter tirado fotos de desenhos ou de trechos inteiros de textos, eis que sequer copiar me foi permitido, embora eu, esperançoso, tivesse levado papel almaço e uma caneta bic. Mas tais documentos eram mui bem guardados e conservados e somente pude olhar, sob a atenta supervisão do livreiro.

Pois bem. O que se sabia então, “cientificamente”, se é que assim se pode dizer, é que outrora Curitiba era uma cidade mais fria, chegando a ter neve no inverno. No calor excessivo, as criaturas sofriam muito. Sua pele, como já falei, era muito sensível. Portanto, saíam, segundo o manuscrito, pelas manhãs muito cedo quando o sol ainda nascia, ou ao final da tarde.

Do que pude apurar na época, ninguém sabia ao certo quando começaram a lhe crescer os pelos. A hipótese é a de que os antepassados da criatura, de tanto tentarem retirar os pelos que lhe saltam das sobancelhas, foram ficando espessos, até que desistiram. Essa é a principal característica que o diferencia de outros de espécies semelhantes: longos

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

pelos saltam das sobrancelhas até quase lhe alcançarem a longa testa, que se junta a uma cabeça branca completamente desprovida de cabelos, que fica muito vermelha caso, inadvertidamente, seja exposta a alguns raios de sol forte.

Curiosamente, ao lado das orelhas lhe sobraram cabelos, bem ralos, e somente nessa região específica.

As mencionadas orelhas, aliás, bom lembrar, eram um caso à parte, e quem já tinha visto de perto jura que eram pontudas, e que delas também saltava um tufo de pelos enorme, que provavelmente prejudicava em muito a possibilidade de escutar. Daí que nossa criatura tem uma predileção por sons mais naturais, como o canto dos pássaros.

Já se ouviu, vindo de dentro da toca, um som suave e cadenciado, os mais jovens não reconheciam, mas os mais velhos diziam tratar-se de bossa nova, e, de fato, pelo que se sabe da criatura, a bossa nova, em sua poesia e complexidade, lhe acalma o espírito.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Da rotina da criatura consegui apurar bem pouco à época. Contava-se que, logo ao raiar do dia, com uma xícara na mão, encaminhava-se para a parte de trás de sua toca, aonde não se sabe o que ocorria, pois ninguém jamais foi até lá. Se alguém entrou, não saiu, pois não se tem notícia de alguém que tenha tido tal ousadia.

Juram alguns que, além da xícara, ele carregava, com a outra mão peluda, um exemplar em papel, isso, exato, papel, aonde se lia “Folha de São Paulo”. Sim, a criatura era letrada e, ao que tudo indicava, gostava de se manter informada através da imprensa. Comenta-se, entretanto, que somente aceitava leitura de jornais e pequenos livros em papel, jamais tendo sido vista utilizando-se de qualquer apetrecho eletrônico, na época incipientes e não muito acessíveis.

Apreciava também o tabaco, estudos iniciais indicavam que tais criaturas precisavam de muito tabaco para sobreviver, e que a nicotina lhes era essencial. Eram refratárias a qualquer tentativa de lhes retirarem tal substância,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

que consumiam direta ou indiretamente desde tenros bebês. Um dos indícios, inclusive, que os poucos que estudavam a espécie poderiam utilizar-se para concluir que a criatura esteve em determinado local, eram as dezenas de bitucas deixadas em cinzeiros, nos poucos lugares em que se sentia bem para permanecer. Refugava locais muito cheios, ou com muito barulho, música moderna e muita gente. Dizem, e eu acho bem provável, que a lei do fumo contribuiu para que, nos últimos anos, a espécie tenha ficado cada vez mais refratária a sair de seu habitat, tornando então raríssimas as possibilidades de um encontro.

Uma coisa é certa: todos os dias a criatura repousa em horário fixo, após o almoço e até o meio da tarde, quando o calor fica mais ameno. E que ninguém ouse tentar abordá-la nesse horário, se é que alguém conseguiria, pois isola-se por completo. Importunar a criatura durante o período de semi-hibernação é bastante imprudente, eis que, embora aparentemente inofensiva, não aprecia muito quando sua rotina é perturbada.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Mais prudente é procurar vê-la no final da tarde, aonde por vezes ela se desloca, ainda que de forma lenta, para procurar alimento ou matar a sede.

A sede da criatura é algo inclusive muito peculiar. Nunca, jamais, foi visto bebendo água.

Aqui consideramos o aspecto mais interessante desses seres, esse ser peculiar, somente bebia cerveja puro malte, de preferência Heineken, não se sabe por que, estudos indicam que seu organismo é sensível a cerveja de milho, ou com outras misturas. Imagino que não suportaria modernidades do tipo cerveja com chocolate, com abóbora etc... e que nunca tentassem lhe oferecer a bebida em copo de plástico, penso que nesse caso a criatura morreria de sede, mas se recusaria a beber.

Sobre os demais aspectos de sua peculiar alimentação, a espécie é onívora.

A preferência, claro, é pela carne vermelha selada por fora e sangrenta por dentro, tal quitute desperta seus mais profundos instintos e, ao mesmo tempo,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

apazigua sua vontade de carne sangrenta, o que, dizem, era muito bom para os humanos que habitam a região.

Enfim, eu afirmei acima que ela saía raramente, e aqui eu entro na estória para não ficar apenas na descrição bibliográfica.

Pois bem, em noites de lua cheia, com clima agradável, era possível, com sorte, principalmente antes que se banisse o fumo desses locais, como falei, encontrá-la em bares muito específicos da região central da cidade, locais aonde se produziam boa música, bossa, jazz agradável, em que fosse possível usufruir de tabaco sem muitas dificuldades e, claro, aonde existisse em abundância o líquido adequado para sua sede noturna, que é maior que o normal em noites de lua cheia.

E foi com o mais puro interesse científico, e guiado pela curiosidade natural que, na época, fiquei na região, parado, de atalaia, no local onde alegavam que ele poderia ser visto. Esperei por quase duas horas até que saíssem os primeiros raios de sol. Mais meia hora e estava quase

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

desistindo do intento, quando escuto um barulho de passos vindo de uma casa com estilo alemão, com um grande portão de grades brancas e uma grama bem cuidada na frente.

Um arrepio me percorreu a espinha, mas meu esforço fora recompensado, ao ver aquela criatura encapotada, que se abaixava quase a um metro de mim, para apanhar seu exemplar da Folha de São Paulo, entregue não fazia mais de meia hora, dentro de um plástico, agora carregado de orvalho.

Pude ver a cabeça vermelha no topo, e os longos tufos nas orelhas.

Com cuidado para não assustar o bicho, pude chegar mais perto. Foi quando ele, sem levantar o resto do corpo, ergueu apenas a enorme testa, abrindo os olhos tomados de pelos logo acima, as sobranceiras flamejantes.

Me viu ali, paralisado, abriu um sorriso e, com expressão calma, bradou em alto e bom som:

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

— Bom dia, meu bom homem, como está hoje nessa manhã?

Fiquei chocado, pois, como Curitibano típico, tal comportamento não era comum à época.

A criatura sequer me conhecia e já me cumprimentava como se fôssemos velhos amigos.

Apenas acenei com a cabeça, incapaz de dizer palavra. Foi quando a criatura virou-se, tinha de fato na mão a famosa xícara. Lentamente, foi caminhando para o fundo de sua toca, até desaparecer.

Fiquei ali, mais uns minutos, até ser capaz de me mover e dirigir-me ao terminal para pegar o ônibus para o centro da cidade. Não havia celular, não tenho uma foto, não pude fazer selfie com ele e postar, nada... tenho apenas a memória ainda viva daquele momento marcante.

Digo-lhe, assim, que a criatura é dócil e pacífica.

Ainda hoje, nas noites de lua cheia, no Boqueirão, próximo ao terminal,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

escutando-se com atenção, pode-se ouvir seu uivo, um uivo que ecoa por todo o bairro, um uivo de satisfação quando bem alimentado e com a sede saciada, um uivo de alegria quando a bossa nova chega a seus ouvidos, mas, também, um uivo de lamento, ao ler o jornal, lamento pelos rumos que as criaturas humanas por vezes, tomam, complicando a existência e tornando o planeta um lugar muito perigoso para a espécie dos Lobisomens, que cada vez mais entocam-se para proteger-se da extinção neste mundo maluco.

Fico me perguntando, todavia, acerca da aparente alegria da criatura em me ver ali parado e me cumprimentar.

Concluo que, de alguma forma, teria visto em mim um igual, um ser como ela.

Pois atualmente já me incomoda a pele ao sol forte, já não me habito tão facilmente às modernidades, as notícias do mundo me deixam desalentado, e, ao ver minhas madeixas crescendo sobre os olhos, e os cabelos rareando, os ouvidos mais sensíveis a sons altos, alguns pelos

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

já surgindo nas orelhas e, principalmente, ao sentir-me meio inadequado em locais com gente demais, percebo que a criatura tinha razão, e que já na época, viu em mim alguém que logo integraria parte da espécie.



LÁ DE CASA

— Espera aí, disse o Zé Pelintra.

Era a segunda cerveja que o Lá de Casa pedia no boteco da onça parda, e sabia-se muito bem que ele não era chegado em serviço, o medo do Zé era ficar na mão.

— Pois saiba, antes de ir me tratando como um qualquer, que eu sou trabalhador, suei muito essa camisa rasgada que você tá vendo aqui, que está velha e surrada só porque não tenho nenhuma simpatia por gastar meu suado dinheiro nesses brechó lá da cidade, dando a grana pra luxo.

— Ah é? Disse o Zé, então mostra.

— Mostra o quê, tá achando que vou deixar conta em boteco, ainda mais num que nem tem uma pinga que preste...

— Pois se minha pinga não presta, pague a cerveja, saia daqui e não volte nunca mais, vagabundo duma figa!

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

— Volto, e volto com a peixeira, pra te mostrar como é que se carneia um porco

Nisso entrou o coronel. Silêncio.

— Doutor, senta, cerveja por minha conta.

O Zé era só educação, já gritando lá pra dentro:

— Mulher, frita um bolinho pro Coronel, que hoje chegou mais cedo.

O “home” ia lá todo dia, lá pelas dez da manhã, e tomava uma, duas cervejas, às vezes uma pinga, comia dois bolinhos, olhava o relógio, ia lá pra dentro com o Zé, ficava uns dois minutos, voltava e partia sem dizer palavra.

Esqueceu do Lá de Casa, que foi pra fora fumar, aborrecido porque dinheiro não tinha, trabalho muito menos.

Nem esposa, nem filho. Era largado no mundo, vivendo do que lhe forneciam os vizinhos da região, que com pena do homem, deixavam na “casa”, velha e improvisada, perto da estrada num

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

terreno invadido, os víveres que ele necessitava.

Já tentara o auxílio do governo, na agência da Caixa Econômica local, mas negaram, diziam que era novo demais e podia trabalhar.

Trabalhar. Conhecia, de conversar na praça e de rodear o bar do Zé, aquele povo da fazenda. Acordavam às 4h para pegar um caminhão que se levasse boi, o boi ia reclamando. Cortavam cana o dia inteiro para receber vinte reais e folgar só no domingo, na entressafra, pois na safra era direto. Não era pra ele, falassem o que falassem, não ia ser escravo de dono de fazenda.

Jogou a bituca no chão. Voltou pra casa porque o Zé esqueceu a cerveja, durante a adulação ao Coronel.

É isso que dá, pensou.

Botou o boteco dentro da terra do home, os peão saem do canavial, recebem o dia e já pegam tudo ali, sal, arroz, açúcar, farinha de milho. Garanto que tem uma caixa de dinheiro escondida, mas é

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

obrigado a servir o Coronel, que nem do exército foi, sei lá porque chamam assim.

E foi nessa que veio, assim devagarinho, começou com uma coceira, a ideia de roubar o dinheiro do Zé, afinal de contas, ele ia ganhar sempre e um dia não faria diferença.

— Me tratou mal, e vai ter o que merece, o murrinha. Pra mim, nem uma cerveja, pro Coronel, tudo que precisar, ainda explora os peão daqui, cobrando caro. O dinheiro todo que ganham, gastam na venda, tudo com preço alto, e quem resolve ir na cidade, na outra semana não chamam pra serviço, inventam coisa, mas o cabra sabe que é porque o Zé reclamou pro capataz do Coronel, dizendo que aquele não servia mais porque não comprava no lugar certo.

Por isso todo mundo tinha medo de ir comprar na cidade, aonde o preço era melhor, mas podia descontentar o Coronel e perder o serviço.

E foi pensando tudo isso que ele concluiu que o Zé merecia ser roubado, até coisa pior. Matutou o plano. O Zé morava

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

atrás do boteco, não tinha cachorro, nem nada, era só não fazer barulho e procurar o dinheiro.

O boteco fechava tarde, às vezes às oito, às vezes às dez, é só uma portinhola de correr fechada à chave, mas tem janela a um metro e pouco, e ali está fácil de arrombar.

Esperou a noite cair, armado de uma faca, forçou a janela, que abriu de primeira. Pulou pra dentro.

A Lua ajudava, a noite nem estava escura e com a janela aberta tinha boa visibilidade.

Foi direto ao caixa, forçando de novo com a faca, e o dinheiro do dia ainda estava lá, uns 200 reais. Muito, muito, não era, mas o gosto da vingança, a facilidade do roubo e pensar em como ia gastar o dinheiro, valiam a pena. Pegou também uma cerveja, bem gelada, pra vingar a que o Zé lhe negara outro dia.

Saiu sem se preocupar com a janela, deixou aberta mesmo, devagar, andou passo a passo até ganhar terreno e

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

ir pra casa feliz da vida, abriu a cerveja e tomou no bico, se perguntando até por que não havia pensado nisso antes.

Passou uns dias em casa, o dinheiro enterrado num pedaço de plástico.

Não falou com ninguém, mas passados uns dois dias achou que era melhor aparecer na praça, pra não acharem que ele poderia ter algo a ver com o ocorrido. Surpreendeu-se ao não ouvir nada sobre o assunto, ninguém comentara, o Zé não comentou com ninguém, e o tempo foi passando... já era hora de começar a gastar devagarinho o dinheiro. Foi na loja do turco, nem regateou, comprou camisa, trocou umas notas, comprou um chinelo novo, e pagou cerveja no bar da cidade.

Melhor impossível. Achara a mina de ouro. Na verdade pensou que o Zé não falou nada de medo de desagradar o Coronel, ou para que não achassem que ele tinha esse dinheiro todo, que ganhava isso todo dia, enfim, não sabia o motivo, a verdade é que tudo estava como se nada tivesse acontecido.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Até que o dinheiro acabou e ele começou a achar que estava na hora de outra investida.

Mas achou que o Zé poderia estar preparado, reforçado a janela ou até posto vigia ou cachorro, e por isso teria que ir assuntar.

Chegou de mansinho no boteco, na hora em que os peões iam comprar os víveres, o povo saía de lá sem o dinheiro do dia e com uns pacotes com uma miséria de coisa, e ainda agradeciam. O capataz do coronel ficava olhando, medindo cada peão, vendo quanto gastava, o que comprava, e dizendo que no dia seguinte ia ter serviço.

Depois ficavam uns dois ou três ainda na sinuca e na cerveja, até fechar. Mas ele nem ficou até fechar para não chamar atenção. Ficou meio dentro, meio fora, fumando, e o Zé, ocupado em explorar a peonada, nem olhava para ele.

— Safado, pensou. Ganha tanto que não tá nem aí se lhe roubaram 200 reais.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Na saída, passou de rabo de olho na janela, agora reforçada por uma grade de tábuas, moleza para rebentar. Não viu cachorro, e se o Zé tivesse posto vigia, o caboclo já estaria lá na parte da noite.

A Lua estava igual, iluminava a janela e o machadinho, que levou já sabendo da grade de madeira, deu conta.

— Madeira velha, ainda, e bem fina, que o burro do Zé colocou. Inútil.

Abriu a janela, passou uma perna devagar, depois a outra e de um pulo estava de novo dentro do boteco.

O tiro veio certo. Direto no peito.

Sentiu uma dor lancinante, depois tudo ficou turvo, a respiração impossível, o sangue lhe saía pela boca. Não deu tempo nem de pensar no que o teria atingido.

Sentado numa mesa de canto, o Coronel, que fazia 40 dias estava de atalaia, todas as noites, no local.

— Eu falei Zé, o “maldito” sempre volta pra roubar de novo.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

O corpo foi enterrado no meio do canavial, ninguém estranhou o sumiço do Lá de Casa, espalhou-se o boato que deixou a casa porque devia pro Coronel, fugiu e ganhou mundo.

Era largado mesmo.



FLECHAS

Eu não sei explicar ao certo quando me tornei obsessivo por comprar lápis.

Acho que foi quando minha mãe faleceu, mas não consigo relacionar uma coisa e outra de modo racional.

Não são lápis especiais, ou com alguma cor ou enfeite.

Só lápis. Lápis preto, aqueles bem apontados. Se não tiver ponta eu não compro, não tenho sequer um apontador, não gosto de apontar lápis. Quebra a ponta e vai quebrando até ficar pequeno e irregular.

Lápis bom é aquele de primeiro uso, com a ponta já afinada de fábrica, que desliza fininho sobre a folha de sulfite.

Não, não sou desenhista, o que explicaria parcialmente a fascinação por lápis.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Quando eu era criança, eu ia mal na escola e tinha aula particular com uma professora, era uma estudante que morava perto da minha casa. Atendia num escritório, eu a achava linda, apesar de, hoje, eu não lembrar nada de sua fisionomia. O escritório da casa dela tinha uns potes muito coloridos, todos cheios de lápis preto. Eram verdes, azuis, vermelhos, de grafite preto. Ela usava para me dar aula de matemática, naqueles caderninhos quadriculadinhos, desenhando números, um desenho redondinho, direitinho no quadriculado, coisa que eu jamais consegui imitar.

Eu só lembrei dela porque estou querendo explicar essa obsessão por lápis.

Não consigo mais ir ao mercado sem trazer uma cartelinha com lápis. Outra explicação é que quando eu era criança a gente ganhava um lápis e ia usando até ele ficar do tamanho do dedo, apontando com aqueles apontadores cegos, de plástico, que a ponta entalava no final da lâmina, e tinha que tirar com o estilete do colega.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Lembrei do Macarrão. Macarrão era um amigo da oitava série, da turma do fundão. Um dia levou um facão enorme para sala de aula, e encasquetou de ir até o lixo com ela, apontar o lápis. Foi suspenso, na ficha constou “aluno portando arma branca”.

Mas estilete era liberado. Quem tinha estilete era poderoso, apontava com vigor, não lembro ao certo como o colégio de padres permitia estilete na sala de aula, mas era lindo, amarelo, um cabo que se encaixava muito bem na mão, e tirava lascas, tinha que saber apontar com aquilo, senão, decapitava o lápis. Eventualmente o dedo.

Mas como eu ia dizendo, lápis bonito e novinho só no começo do ano, junto com a borracha branca, os cadernos encapados de plástico com etiquetas, que a mãe reunia a gente para encapar.

Está aí uma ligação possível, o material escolar novinho tem cheiro de mãe. O pai nunca mexia nessa parte, era sempre a mãe mesmo, daí, quando minha mãe faleceu, me dei um dia conta que

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

estava obcecado por comprar e manter lápis em casa, dentro de canecas, potes de porcelana, potes de plástico, e deixá-los lá, intocáveis, os meus lápis....

Eu não sei em que momento eu me tornei mais fechado e deprimido, se é que estou usando o nome de maneira certa porque deprimido, deprimido mesmo, eu não estou. Gosto de sair, quando dá, vou no boteco, quando dá, e sorrio, alcoolizado, entupido de petiscos e escutando a música, se for boa, se não for, nem fico.

Daí chego no apartamento só pra dormir, e fico olhando os lápis, ou eles me olhando, sei lá o que pensam, não sei mais quantos tenho, nem se alguém for no meu apartamento vai notar que eu tenho tanto lápis ou pensar que eu sou desenhista.

Mas desenhista eu não sou, nem queria ser, não sei desenhar nada, não saberia diferenciar um lápis pelo número, pois tem número, tem 2, tem 5, tem mais preto, menos preto, tem uns que tem formato diferente, tem os mais grossos, mas pra mim pouco importa. Sendo espécie do gênero lápis preto, vale.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Eu só não gosto muito dos que possuem aquela borrachinha no final.

Quem será que teve a ideia de colocar a borracha no fundo do lápis. É antiestético.

Borracha vai ficando suja, irregular, enquanto o lápis procura manter sua dignidade, altivo, personalidade forte, sabe o que quer.

Já as borrachas parecem inseguras, invariavelmente deixam marcas indeléveis. O lápis não, ele marca. Ele não se importa que hoje a escrita seja feita em digitação, porque ele sempre terá utilidade, que seja a estética, a de lembrar que ali tem uma pessoa que sabe a função do lápis, uma pessoa que já escreveu e estudou com lápis, apontado num apontador pequeno, de plástico, com lâmina cega e com a professora apressando para terminar a tarefa.

Ser obcecado por lápis não faz mal a ninguém, a não ser que você resolva enfiar o lápis, bem novinho e bem apontadinho, no olho, ou na orelha, de

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

algum desavisado, o que não é meu caso, embora vontade não tenha me faltado.

Eles ficam lá, calmos, me olhando, me conectando com minha mãe, com o tempo de encapar caderno, comigo mesmo.

O apartamento só tem cozinha, sala e quarto.

Eu sonhei. Recebia a visita de uma garota bem peituda e com decote, e ia mostrando pra ela, lápis por lápis, ela, por vez, ia pegando um a um, e, de leve, colocava o final do lápis na boca, mordiscando a ponta, e rindo, de forma sensual....

Mas jamais tive alguma companheira. Morei com a mãe até ela falecer.

Acho natural que um professor se sinta conectado ao mundo através do lápis, como se fosse uma antena, com a qual capta e reproduz o que o mundo lhe traz.

Por isso tem que ser novinhos e muito pontudos, sempre prontos para escrever. Como um arqueiro em batalha,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

que retira as flechas uma a uma rapidamente, o professor tem que estar com o lápis à mão.

O lápis novinho renovava a esperança no mundo.

Altivo, digno, finge inclusive não ver que hoje digita-se muito, corrige-se no corretor mesmo, e que o velho hábito de usar lápis está ameaçado, mas mantém a dignidade, sustentado pelos que dele não abrem mão.



BELLA

O cirquinho, mambembe que só.

Completara seis meses ali, alegria das crianças da região, nos arredores do caminho do vinho.

O italiano, o Bella, viúvo, orgulhoso de seu cirquinho que, segundo ele, apesar de humilde, tinha atrações jamais vistas em nenhum lugar do mundo.

Claro que o Bella exagerava, para chamar a atenção.

Mas Ornella, a filha única do seu Bella, aprendera desde pequena, quase de forma autodidata, de tanto tentar, a arte de equilibrar bolas, arcos, malabares.

Atendia no terreno logo ao lado da loja de vinho, o Giancarlo, filho do seu Paulo, vinicultor mais antigo do local.

Ornella tinha cabelos negros, olhos bem verdes, um corpo bem formado, alta e muito atraente.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

E foi por ela que o Giancarlo se apaixonou.

Foi na festa do vinho que trocaram os primeiros olhares. Não demorou para ele encontrá-la no acampamento do circo, puxar assunto. Passaram a conversar todos os dias, até trocarem o primeiro beijo apaixonado.

Mas o patrocínio da prefeitura acabava no final do mês, e o circo iria partir.

Na véspera, Ornella contou pro seu Bella que tinha planos de ir morar com Giancarlo, havia quatro casas no terreno. A família dele aprovava.

Bella, orgulhoso do circo, imediatamente lembrou da esposa.

Falecera de um câncer muito agressivo. A menina ainda muito nova.

Emocionado, abraçou a moça.

Deu sua bênção, e partiu, para comandar o último espetáculo na região.



CUIDADORA

— Descansou, a dona Maninha, já estava sofrendo...

Retomou a vida, o filho mais velho rescindiu o contrato, pagou tudo e ainda mais uma gratificação, já estava se tornando rotina.

— A mãe já está com 85, tá complicado, nenhum filho tem tempo pra cuidar sabe ?

Sabia. Sozinha com a velhinha dia e noite, almoço, janta, banho, novela. Filhos apareciam uma vez por semana, amigos de vez em quando, uma visita, e lá se iam mais dois, três anos, a mesma rotina.

— Piorou, dessa noite não passa

— Descansou, a dona Helena, já estava sofrendo...

A notícia veio por um primo. A mãe, no interior, 87 anos. Adoeceu de vez,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

alguém tinha que cuidar. A irmã mais nova, embora já aposentada, mas que ainda trabalhava como cuidadora de idosos na capital, foi a melhor opção.

Ela estava sem emprego fixo naquele momento, não tinha relações ou compromissos na cidade, morava nas casas dos idosos e dona Helena acabara de falecer. Foi.

Sozinha com a mãe. Os irmãos apareciam uma vez por semana, no domingo. Banho, janta, novela... a mesma rotina. Lá se foram 3, 4 anos. Uma noite a mãe piora, hospital, UTI.

— Dessa noite não passa

— Descansou a mãe, já estava sofrendo...

Sem a mãe, ficou na pequena casa do interior, sentia-se de certa forma liberta, não havia ninguém para cuidar. Aposentada, venderiam a casa, ela poderia alugar outra menor e mais barata, sobraria dinheiro, poderia sair um pouco, tinha condição para conhecer alguns lugares interessantes sem muito gasto, apesar de

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

aposentada, sentia-se forte e ainda era nova, poderia viver sem cuidar de ninguém a partir de agora.

A notícia veio pelo irmão.

— Maria, o médico disse que é maligno.

No final ficou sozinha, na pequena casa no interior, sem ninguém para cuidar. Os irmãos apareciam uma vez por semana. Almoço, Janta, novela...

A doença a consumiu rapidamente, seis meses.

— Descansou.... já estava sofrendo — disseram os irmãos no velório humilde e vazio.



COMODATO

— Foi o filho do “patrão”, mãe.

16 anos, a vida pela frente, engravidou.

Claro que o menino não iria assumir, o patrão iria mandar todo mundo embora. Morar aonde? Estava ali desde que ela nasceu, e tinha os outros filhos, o pai trabalhava com jardinagem ali pertinho, não pagavam nada para ficar na casa.

A família do patrão vinha nos fins de semana, fazer churrasco, usar a piscina. O único filho era menor também, tratavam eles bem, mas ela sabia que se contasse teriam que sair.

Resolveram esconder. Mandaram a menina para ajudar e morar em um abrigo simples para idosos na cidade, o pastor ajudou. Grávida, levantava as 6h preparava café, depois limpava os quartos, as camas. À noite dava banho, limpava, servia janta. Dormia depois das onze,

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

exausta, domingo a domingo, sem ganhar nada, só a moradia.

Não chegou a ver o rosto da criança. Morreu pouco depois do parto.... foi o que disseram.

Chorava demais, engolia tudo durante o dia para passar a noite soluçando, sozinha, exausta, domingo a domingo.

Até que um moço que sempre ia levar material no local a convidou para morar com ele. Vivia em uma chácara nos arredores da cidade, o “patrão” era muito bom e vinha só de vez em quando, de resto ele trabalhava e teriam vida tranquila.

Assim a vida melhorou, engravidou de novo, uma menina, linda.

Mais dois filhos, feliz vendo os filhos crescerem, o marido bom, não faltava nada, e já não trabalhava tanto, até iam para a cidade em dia de domingo. Os cabelos começando a branquear.

Um dia vem a mais velha, 16, chorando muito:

— Foi o filho do patrão, mãe.



FORMIGAS

Era uma formiga que acompanhava todos os dias o juiz, quando ele subia ao escritório.

Na verdade, o magistrado não sabia se era a mesma formiga.

Um dia ela, ou elas, não apareceram.

Sentiu-se abandonado. Esqueceu que formigas não julgam.



CAIXA

— Estão dizendo que vão botar cadeira — diz a encarregada.

— Mas não há tempo para sentar, o mercado sempre lotado, como é que essa gente tem tanto dinheiro para comprar tanta coisa nesse preço? As pernas doíam, Maria Gorda, assim lhe apelidaram:

— Também, trabalhar assim o dia todo e final de semana e não poder comer um bolo ?

Passavam chocolates que ela nunca sonhara em comprar. Uma vez uma senhora comprou, de uma vez, dez caixas de Ferrero Rocher. Umhas bolinhas douradas que permeavam o sonho da Maria Gorda, de um dia comer uma caixa daquelas inteirinha, sozinha. Ia abrir papelzinho por papelzinho, aproveitar ainda esticar cada papelzinho, passar a ferro frio, colar num isopor e colocar para enfeitar a salinha da casa aonde morava sozinha.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Sentada na praça, a Gorda, as pernas doídas depois de 4 horas no caixa. Fazia ali o intervalo. Pensava na vida. Não gostava de ficar no refeitório com as outras meninas que na opinião dela eram cabeça oca, muito jovens, só pensavam em namorado, em festa, gastavam todo o ordenado com roupa e maquiagem, ali no mercado mesmo.

— São umas burras, pensava. Ganham e gastam aqui mesmo, não guardam nadinha.

Tinha as economias. Guardava num potinho escondido no armário da cozinha. Nunca contou para ninguém.

Mas tinha sonhos. Um dia acharia algum chinelo velho pra acabar com a solidão.

Os olhos do rapaz que não tinha dinheiro para pagar toda a compra mexeram com ela, enquanto ele, humilhado, devolvia coisas, fazia contas e contava o dinheiro amassado e umas moedas. A fila esperando, o pessoal impaciente. Mercado grande, de gente rica, não sei o que pobre vai fazer ali, mas

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

apiedou-se do rapaz, disse que ficava por isso mesmo e acabou furando o caixa em dez reais que lhe foram cobrados ao final do dia.

O rapaz voltou pra agradecer. Não trouxe os dez reais, mas foram juntos pro intervalo dela. Morava sozinho também, disse, e no bairro perto. Apareceu mais umas duas vezes, e não demorou pra um convite pra um lanche no final da tarde, uma cerveja, depois o levou para a casa dela. Não ia levar, mas algo no olhar dele dizia a ela que era boa gente. Conversaram até tarde.

Acordou com muita dor de cabeça.

Tinha bebido três cervejas apenas. Não sabe o que deu na cabeça de aceitar junto uma pinga que o rapaz levou do mercado, também na conta dela. Não tinha acontecido nada, pelo menos, Deus me livre se ele tentasse alguma coisa, não sou disso não.

Fez um café, amanhã encontraria provavelmente o rapaz no mercado, lhe agradeceria não ter se aproveitado dela, que bebeu muita pinga.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Mas foi revirando o armário em busca de um comprimido de paracetamol, notou a falta do potinho. Nem procurou de novo. Lembrou que ao dormir o rapaz ainda não tinha ido. Lembra que ele falou que ia embora, ela pegou no sono mas não lembra de tê-lo levado até a porta antes de apagar. Notou então a porta destrancada. Ou foi ele, ou alguém entrou.

Só chorou, chorou, e foi trabalhar com os olhos muito vermelhos.

Ninguém lhe perguntou nada. As pessoas tinham pressa com as compras.

Nunca mais o rapaz deu as caras por lá. As pernas doíam cada vez mais.



VERDE

A mancha esverdeada, atrás da orelha, só foi percebida quando já aparecia no espelho, na hora do barbear.

Nebacetim, creme Nívea, hirudoid, Minâncora, Hipoglós, um unguento feito pela vizinha que dava passe. Todas as alternativas, mas começou a preocupar o tamanho um pouco maior na semana seguinte.

Foi ao dermatologista.

Biópsia. O médico jamais tinha visto algo parecido, procurou no *google* por “mancha verde”. Só achou referências à torcida do Palmeiras.

O médico receitou um creme manipulado, com antibiótico. Afinal, o paciente não havia saído de Curitiba, mas trabalhava na cidade industrial, seria talvez algum produto químico... Não, não... haveria outros casos. Nada foi relatado na

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

saúde pública. O cidadão dizia que ela cresceu...

— Cresceu sim Doutor, tenho certeza, mas vou começar a medir.

Não precisou. Em duas semanas, chegava quase até o pescoço. Foi a São Paulo ouvir uma segunda opinião, todos os exames possíveis foram feitos, esgotou o plano de saúde da empresa, e o saco, de tanto fazer exames.

A mancha apenas crescia, já lhe tomava as costas, um mês depois.

Enquanto deu para disfarçar, usou roupas fechadas. Inverno. Depois que a coisa tomou-lhe os braços, no verão, não deu mais, e as pessoas já não disfarçavam a curiosidade.

Claro que a imprensa ficou sabendo do “hulk de Curitiba”, embora força, mesmo, e músculos, não apareceram. Continuava esquelético e com indisfarçável pancinha.

Apareceu só mesmo a cor verde, assintomática, bem a do gigante da “Marvel” mesmo. Braços, pernas, invadia

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

todo o espaço corporal, sem outros sintomas.

Desistiu dos médicos e foi fazer Terapia. Concluiu que iria se aceitar e parar de lutar para esconder.

Homem verde, na realidade, como ficou conhecido após a entrevista exclusiva na RPC.

Daí para a torcida do Coxa chamar, foi um pulo. Entrava com o time, acabou dando sorte e o time vencia, mascote verde.

Foi chamado por um grupo de defesa da Mata Atlântica, vamos defender o verde com o homem verde. Passou a frequentar o Marumbi, franqueavam-lhe o trem a Morretes e de lá saía em missão, com vários defensores da natureza. Um dia, quem sabe, a Greta me chama para passear na Europa...

E tinha o assédio. Tanto de mulheres como de homens, curiosos sobre o possível tamanho e funcionamento de certas partes do corpo do homem esverdeado.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Deixou o emprego.

A empresa no início achou estranho o empregado verde, mas não disse nada, por medo de ser acionada por discriminação na Justiça do Trabalho.

De qualquer forma, a agenda agora era inconciliável. Só de presença VIP já ganhava mais do que na firma.

Contratou secretária para o novo escritório da “homemverde.com”.

Eram palestras pelo canal verde do Youtube, milhares de seguidores, dissertava sobre a importância de se preservar o verde, estilo TED. Um vídeo viralizou, como um aviso da natureza sobre o que aconteceria se não preservasse a natureza, era tudo o que os ecologistas precisavam.

E sempre que necessário, ia ajudar o Coxa a sair de alguma crise, era ele entrar, o Couto pegava fogo e o time se superava.

O Palmeiras já havia proposto a troca, por uma cifra milionária. Ficou de pensar.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Felicidade em verde, era seu lema.
Feliz. Bem-sucedido como nunca.

Um dia, ao olhar-se no espelho pela manhã, percebeu que uma mancha vermelha, ainda discreta, começava a tomar-lhe a região atrás das orelhas....



COBRADOR

Passou a pé, lá pelas seis da tarde,
atrás da catedral, pelo calçadão da
Saldanha Marinho.

Era cobrador.

Um homem solitário.

Não gostava de contato com os
outros homens.

Aguardou no Largo da Ordem.
Tomou uma cerveja, e só.

Não era possível matar alguém, se
o profissional estivesse alcoolizado.

Simplesmente aguardou.

O primeiro tiro pegou na testa do
sujeito, que caiu na hora.

Outros dois correram, cada um pra
um lado. O segundo tiro derrubou o que
desceu em direção à praça Tiradentes.

O terceiro escafedeu-se no meio
da Galeria do Tuca e ganhou o Largo.

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Deu o recado.

O corpo, estendido, na calçada da Saldanha, era o aviso aos caloteiros.

Daquele dia, por uns dois meses, ninguém deixou de pagar.



DANOS

Primeiro dia do emprego.

A mãe, orgulhosa.

Esse menino deu gente, vai me dar muita alegria.

Animado, ia ganhar um salário-mínimo, ajudar em casa, o pai era aposentado já, a mãe vendia doce no sinaleiro, e ele, emprego na pequena firma de fundo de quinta do seu Moacyr, aonde a mãe trabalhara de diarista.

Tudo era novo, tudo diferente, computadores, gente bem vestida no escritório e uns dez peões, tudo ganhando bem, até moto um tinha conseguido comprar.

Logo de manhã já carregando caixa, enchendo caminhão, as brincadeiras de costume, ganhou de cara um apelido, mas estava feliz com o emprego;

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Hora do almoço, a mãe caprichou na marmita, feijão bem temperadinho, arroz, farinha e dois ovos fritos.

O pessoal descansava por ali mesmo, não tinha muito aonde se proteger do sol quente que fazia naquele dia. Achou um caminhão parado e deitou-se, ao lado da roda, na sombra. Adormeceu.

O motorista sentiu, na ré, que a roda pegara em alguma coisa.

Logo ouviu os gritos dos demais empregados, era o menino novo, aquele que apelidaram de ligeirinho. Em seu primeiro dia de trabalho. A carteira nem assinada estava ainda.



CAFÉ

Garçom da presidência fazia mais de 30 anos. O primeiro presidente fundador da empresa tratava-o com tanta excelência e dignidade, o apresentava como o principal ativo da empresa, o ser humano, trabalhador, dedicado. Entrava silencioso, servia pelo lado esquerdo, como era o correto. Se ouvisse algo, era discreto, conhecia estórias, testemunhou discussões acaloradas, nada que não se resolvesse após uma pausa ou duas para o famoso café do “seu” Péricles.

Já poderia estar aposentado. Mas o que faria em casa, solteiro, sem filhos, nem um cachorro pra cuidar? Arrumava a bandeja de forma impecável. Podiam ser dois, três, ou doze, receberiam o pires e o café servidos pelo Péricles, trajado, na beka.

Presidente novo. Primeiro dia. Veio de fora. A empresa, familiar, fora vendida, dizem que um grupo fez uma oferta

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

irrecusável e que o negócio ia mal das pernas. Não vendessem, os concorrentes venderiam e não conseguiriam competir com o poderio econômico multinacional.

Já na chegada, primeira coisa, seu Péricles, a inseparável bandeja:

— O café, senhor, para começar bem o dia.

— Não, obrigado. Eu não tomo café.

Aposentou-se. Deprimido, faleceu seis meses depois.

The image features a white background with black, intricate, and dense tree branches in the four corners, creating a frame-like effect. The branches are thin and delicate, resembling bare winter trees or perhaps a complex network of veins.

POESIAS

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Nos dias incolores
Percebo
A importância das flores



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Durante a quarentena
Concluo
Viver vale a pena



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Tantas intrigas
Tenho inveja
Das formigas



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



O mundo me comove
Seja nas manhãs de sol
Ou à tarde, quando chove



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



CASA

Em casa
A gente arruma armário
Reencontra o velho diário

Olha com saudade
A foto antiga
Faz amizade
Com a formiga

Em casa
A gente arruma gaveta
Sente inveja
Da borboleta

Em casa
Com calma
Da pra cuidar
Da alma



CASA 2



Cores fazem bem
Livros na estante
Cinzeiro
Cachaça, uísque
Cheiro
Flores fazem bem
Fotos por todo canto
Lembrança
Amigos de vez em quando
Daqueles que se pode receber de chinelo
Regata
Pode ter um cão
Ou gata
Cores fazem bem
Um violão
ou dois



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho

Um pote
cheio de arroz
sacolinha de mercado
Uma gaveta
que não encaixa
direito
Tudo bagunçado
perfeito



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Em quatro partes
O pintor divide a tela
Traços e aquarela



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Joaninha
na escada fria
criança
Encantada
Desvia



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Velhice à vista
Calçar o sapato
Como malabarista



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Tela em branco
Insista
para que o livro exista



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Prosa
Antes do almoço

Sob o olhar
De um moço

A moça
Cor de Rosa



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



Picharam o muro
dos poemas do Leminski
fiquei chateado
pensei
o que o polaco diria:
— Falta de educação é problema
mas no muro pichado
ainda tem poema



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Em copo de estanho
Tomar cerveja
Soa estranho



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Borboleta
Enfeita a Janela
Se voar, voo com ela.





TEMPO



Comprar linha no Armazém (“Arma
Zen”...saudades do Rollo de Resende)

Devolver o casco da coca cola

Carrinho de Rolimã

A Vizinha que furava a bola

O tempo é uma metáfora

Fazer poemas em trova

Brinco, volto a ser criança

Poetar. A alma renova

Sereno, cheio de esperança.

Sidônio, Leminski, Tom,

Vinícius, Drummond, Helena

Nas estrelas do poema

Apollo Taborda França



Tempo é
Tempo é lembrança.



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



O velho armário
sem porta
quem se importa?



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Olhai os Lírios
E não usarás
Colírio



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



GESTALT

vida é cacto
no contato
ninguém permanece
intacto



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Neblina no Milharal
Corvos Arremetem



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Vendedora de flores
Em dia nublado
Consolam-lhe os perfumes



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Foi em um Domingo
Acordei Leminski
Na feira do poeta
Vi coisas antigas
Reli Delores
Saí de Lá
Kolody o mundo



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



PANDEMIA

Últimos dias de maio
Invejo os pássaros
Num mundo sem abraços



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Cantos dos pássaros
Céu azul. Pinheiro
As manhãs me lembram

Sou apenas
Passageiro



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



Capturam-se as coisas simples
Dessas que fazem as águas do tempo
Chegarem a conta-gotas



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Casinha colorida
Na moldura sóbria
Retrato da vida



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



Comprei um livro do Leminski
Lá no Chain

Saí, ainda era dia.
Para ver a vida como ela é
Porque quem Lê Leminski, é assim

Ou vive a vida em Poesia
Ou fica meio Lelé



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



Dentro de mim mora uma mulher negra

Oprimida

Um homem do campo

Explorado

Assim como meu corpo

Exposto, sem pele

O mundo são brasas

Porém, dentro de mim moram

Mil anjos

Me levarão ao céu quando a hora certa
chegar





EPÍLOGO

Contos Microscópicos

O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



MODELO

Navalha na esquina, corta os sonhos da
menina.



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



FOFOCA

A vizinha na janela espera um descuido
do carteiro



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



PLANO

Deu certo, salvo engano



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



FORMIGA

Passeia pelo meu braço, tudo bem, se for
amiga.



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



JOGO DE DAMAS

Apesar de se odiarem, conversam
animadamente.





SOLIDÃO

Colocou flores no túmulo de alguém que
jamais conheceu.



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO

Luciano Coelho



MÚSICO

Doido, doído, mesmo quando ao Sol, dava
Dó.



O LOBISOMEM DO BOQUEIRÃO
Luciano Coelho



PRESSA

Corpo sem vida não para a avenida

